

Paris, 28 de Julho 53

Meu Cunhadíssimo,

Aqui vai, em primeiro lugar, um atrasadíssimo abraço pelo dia II. Vai atrasado, não por esquecimento, mas por ser grande minha atarefação, nesta cidade que parece, pelo menos "as far as Brazilians are concerned" o centro do mundo. Não cessa de surgir gente de todos os lados e em falta do Luminoso, estou tendo que sair um pouco da toca, bom ou mau grado. Sorte tem a Menina, com seu hábito franciscano, que consegue ainda fugir à onda.

Acaba de sair daqui o casal João Bruno Lobo que parte amanhã para o Rio. Vieram seguindo o médico americano do João que fez aqui a última de uma série de 15 operações para endireitar os pés. Diga a Maria Amélia que Garricha perguntou pela madrinha e como esta tinha recebido a notícia de seu novo casamento. Contou-me ela que casaram-se em Nova York, no civil e no religioso, sendo o João viúvo desde 1946, de uma poetisa, chamada Ada não sei de quantas. Ele também, como o Oscar, tem uma filha de 12 anos. Diz Garricha que o destino dela é ter filhas manjas. Parece que estão se entendendo bem, Garricha desistiu de ter crises de nervos e ele manda e desmanda. Ele me disse que o conhece muito bem de seus tempos de boemia.

E, por falar nesses tempos, aí vai um retrato engraçadíssimo que Garricha descobriu num Cruzeiro. Vale uma moldura.

Você afinal está dando aulas, ou continua apenas aprendendo italiano? Se quer aproveitar as férias universitárias para dar uma "voltinha" em Paris, meu chatô está às ordens.

Pelos boatos que me chegam, parece que os embaixadores aí estão plenamente fãs de vocês dois. Ele, embasbacado com sua capacidade, ela, encantada com sua digníssima esposa.

Almocei há dois dias com o velho Simões que vai embora amanhã, via Côte d'Azur. Deu-me notícias de vocês,

Só se fala aqui, estes dias, no escândalo da Última Hora. H je surgiu notícia da prisão do Samuel Weiner. O genro do Simões também é do Jornal, não sei se o velho não vai ter maçada com isso. Desconfio que os cobres são em parte dele.

Mando de volta os selos que os pequenos pediram. Diga-lhes que tenho outros, mas que vou guardando porque é proibido sair selos daqui. ~~XXXXXXXXXX~~

Já recebi aviso do London Bank sobre a última remessa que você mandou. Muito obrigada, apesar de mamãe já me ter informado que os 400 dólares foram por pura teimosia de Maria Amélia.

E, agora, cunhadíssimo, faço apêlo ao brilhante crítico literário. Aí vão uns poeminhas para você ler e me dar o seu palpite. Já tenho vários, de pessoas mais ou menos autorizadas. O maior e talvez o mais "lisongei-

re" é o do Cassiano que tendo lido dois que a Menina lhe mostrara, mandou há dias me pedir que lhe mandasse outros pois tinha gostado muito dos dois primeiros. Estive depois com êle e ouvi um discursinho, aliás interessante, sobre os predicados da poesia e sobre as "qualidades" que êle via na minha. Aconselhou-me a publicar, para estreiar, um livro reduzido. Disse-me êle que bastam umas vinte poesias. Eu acho que umas trinta e quarenta. Dê-me o seu palpite imparcial e diga-me se também acha que devo publicar. Sobre essa questão de publicação não tenho a menor noção e gostaria de ter a sua opinião. Acha que o Paulo Duarte seria capaz de cuidar disso bem lá no Brasil, arranjar editor, supervisionar etc? José Augusto me disse que talvez seja melhor editar aqui, onde as edições são melhores e devem ser mais baratas. Outra coisa, como deve ser datilografado o trabalho a ser editado? Disseram-me que não há, no Brasil, editor para poesia de principiante. É assim mesmo? E você tem idéia do que pode custar a edição de um livro e em que quantidade deve ser editado?

Muita pergunta... você está de férias e deve ter tempo de sobra.

Leia, medite e responda, ou se preferir, apareça, mas avisando, pois sou capaz de me ausentar um pouco êste mês ou de ter que dar um ligeiro repouso à Portuga.

Lembranças à tribo

EXILIO

504
 Cp 176 ex 2
 (unseen)
 (w/12)

Pisei longamente os caminhos da vida,
 flores caíram sôbre os meus cabelos,
 homens ofereceram-me seus desvelos,
 mas eu era a tudo anoitecida.

Feriram-se meus pés nas pedras do caminho,
 espinhos arrancaram-me a carne e as vestes,
 choraram sôbre mim ciprestes,
 mas eu era a tudo adormecida.

Voaram sôbre mim aves noturnas,
 choveram sôbre mim as tempestades,
 atravesssei campos e cidades,
 mas eu era a tudo esvaecida.

Passei pela vida como em transe,
 morro sem levar da vida nada,
 carregando esta alma angustiada
 que já nasceu um dia amortecida.

ONDINA

Imersa na água
 apenas
 teus dois pequenos seios
 despontavam
 como duas ilhas
 no oceano
 de meu desejo .

Ilhas ou estrêlas ?

Estrêlas ou flores.

—

Mergulhei à busca
do tesouro
oculto.

Nunca mais
voltei

Vivo enleado
a teus encantos
de sereia.

SNGUSTIA

Atirei meu vulto à água,
mas a sombra de um olmeiro
acolheu-me em seu rameiro.
Virei sombra noutra sombra,
afoguei-me noutra mágoa.

Atirei meu vulto ao ar,
mas o vento, num abraço,
arrastou-me no seu laço.
Virei brisa, noutra brisa
a se espalhar.

Atirei meu vulto ao mundo,
mas a noite me envolveu
em seu abismo de breu.
Virei treva, que noutra treva
se perdeu .

EM VÃO

Procurei em vão
através a vida
me comunicar
com a metade de mim mesma
que andava perdida.

Busquei nos outros
a minha imagem
desaparecida.

Encontrei nas coisas
um rastro do que fui
em outra vida.

Tive saudade.

Mas já era tarde
para reaprender
a lição esquecida.

GUINHOL

Noite sem lua, noite escura,
estou só com minha amargura.

O céu opaco é côr de breu,
meu amor clama pelo teu.

Nossos vultos erram na treva
que traz um e o outro leva.

Como um fantoche perdido
numa farça sem sentido,

procuro-te, estás além,
encontre-te, não és ninguém.

A escuridão me amortalha,
a angústia cerra sua malha,

fico só na noite escura,
mas não cessa esta procura .

*Em noite de agosto, este farol,
e eu, cuspido de fátiga e neblina.
Ora — Fido*

OFERTA

Dei-te meu corpo ardente,
mas logo te saciaste.
Abandonada eu fiquei,
fruta, flor,
pendida à haste.

Dei-te minh'alma obscura,
mas tu não a compreendeste.
Torturada eu fiquei,
fruta, flor,
ávida de amor.

Dei-te minha vida e mote
(que me importa minha sorte?)
Indiferente eu fiquei,
fruta, flor,
à minha dor .

 RONDÓ

Chamaram-me de perdida
porque te dei minha vida,
O que te dei era meu,
que importa se agora é teu ?

O que se dá, não se perde,
renasce em quem recebeu.
O que eu tinha e que te dei
vive em ti, não se perdeu .

Esse amor que hoje vives
é renascido do meu.
Só me chama de perdida
quem nunca de amor morreu .

ESTAÇÃO DO NORTE

O bafo imundo e quente
das locomotivas
polua a tarde morrente.

Os trilhos nos seus dormentes
sulcam a terra paralelos
e buscam o horizonte
infinitamente.

Zumbem lado a lado cortando o espaço
duas serpentes de aço .

Nos seus ventres
a humanidade estafada
tem a face negra
negra a alma
desesperançada.

Um apito agudo
como um açoite
fere a noite.

E a fumaça
tudo embaça.

DESESPERANÇA

Uma a uma destelaram
as frutas de meu pomar,
fiquei sôzinha na noite
que é fria como o luar .

Fiquei sôzinha e o vento
sem querer me dar alento
redopiava no ar .

Uma a uma destelaram
as ilusões que eu trazia,
e a medida que caíam
o vento frio as varria.

Fiquei sôzinha na noite
que é inimiga de mar.

E o vento quando passava
sem piedade gargalhava
redopiando no ar .

Fiquei sôzinha na vida
sem poder me desgarrar
desta fé desverdecida
que é triste como o luar .

A FREDERICO GARCIA LORCA

Verde que te quero verde
Verde viento, Verd s ramas.
El barco sobre la mar
y el caballo en la montaña.

Verdes ramas, verde mata,
verde é o luar de prata
que brilha entre o arvoredos.

Verde é a fruta no galho,
verde é a gôta de orvalho
sôbre o relvedo.

Verdes mares, brancas velas
p'ra que aventura vão elas ?

Verdes ventos, verdes prados,
destinos desencontrados
que aprisa louca apartou.

Verdes são teus cabelos,
verdes êsses dois novelos
que tua mão enrolou .

Verde é tudo que espera,
verde é tudo que gera.

Verde é a fonte serena
que murmureja sua pena
e se consome a cantar .

Verde é a onda inconstante,
verde é a côr do instante,
é a côr do mar .

Verde é meu horizonte,
verde é o cimo do monte.

Verde é minha esperança
que de te querer não se cansa,
nem te amar .

Verde é o tempo, verde é o espaço,
verde é o brilho sem baço
de teu olhar .

NÃO SOU EU

Quando escrevo, dita minha mão
o meu ser inconsciente,
tenho gritos de paixão
que minha alma não sente.

Quantas vêzes minha razão
ao que eu digo não consente,
mas conter esta canção,
não consigo, nem que tente.

Vive em mim uma ilusão
que minha vida desmente,
pulsa em mim um coração
que pertence a outra gente.

Não é minha a dor que sinto,
não é meu o amor que tenho,
mas quando escrevo não minto,
canto o que em mim contenho .

Assim vou sendo o que não sou
e o que sou deixo de ser,
tudo que em mim se incarnou
passa a ter outro viver .

FIM DO DIA

Nada mais quero neste fim de tarde opalescente
que quedar-me assim a contemplar o poente
horas a fio .

O dia paira silencioso e exangue
enquanto o sol vai-se esvaindo em sangue
n'águas do rio .

Coisas e gentes perdem suas arestas,
um halo de ouro pousa sôbre as crestas
da serrania.

Uma a uma as nuvens se desfazem
e meus pensamentos lentos se comprazem
nesta agonia .

DISTANCIA

A barca passou
e cortou
nosso destino
em dois.

Lá se foram
o teu p'ra cá
o meu p'ra lá
na imensidão
do mar.

Desde então
nos procuramos
em vão.

Nunca mais nos encontramos
nunca mais nos acharemos.

Somos joguetes do mar
ondas a se apartar
sempre a se perseguir
sem se encontrar .

BUCÓLICA

A passarinhada mal desperta
pipilava no arvoredos.

Contas d'água bordavam
as pétalas
de uma rosa aberta.

A terra mole sob o relvedo
gemia
e eu pisava a medo .

Um córrego passava perto
gorgolejando cantigas
através pedras
e urtigas.

O sol zombando da sombra
esguelaha por entre as fôlhas
salpicando estrêlas
pela alfombra.

APATRIDA

Perdido entre céu e terra
já não sei mais onde estou,
não sei mais que lingua falo
nem que mundo me criou .

Corri por mares e terras
a procura de mim mesmo,
errei por vales e montes,
andei a êsmo.

Quanto mais me procurava,
mais longe de mim eu ia
e mais em mim se alastrava
a alma vazia.

Vivi milênios de vida,
morri mortes de outra gente,
quando quis tornar à casa,
de mim mesmo estava ausente.

CIUME

Éramos três em frente ^{ao} espelho,
eu, a imagem e ela.
E a nos contemplar
era mais bela
aquela
que em teu olhar
existia.

Éramos três - a original,
a cópia e ela.
E a nos comparar
ganhava aquela
que em teu olhar,
por ser mais bela,
sorria.

Era a mais bela
mas ninguém a via.

Bela, ~~pois~~
pois,
mas irreal .

 MORTE

Senti minha vida
escorrer
pela noite fria.
Tudo que em mim
havia
de bom, de puro, de raro
se perdia.

Quando raiou enfim
o dia claro,
aquela que eu era
já não existia,
a que eu quisera
ser
tão longe ia .

Havia
já na manhã incerta
uma tristeza
de fim de dia .

Jazia
só na cama deserta
meu corpo inerte.
Minh'alma - vazia .

ROSARIO

Rio
rosa
rosa do rio
rio de rosas ,

duas rosas
descendo o rio,

rubras
como teus lábios,

ou brancas
como teus seios.

Rosas
boiam no rio,

Rosas
mortas de frio .
